

# A decisão de Aquiles: Intensidade dramática e narrativa na Patrocleia (*Ilíada* XVI)

Martim Reyes da Costa Silva<sup>1</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG

## RESUMO

O artigo pretende discutir como no canto XVI da *Ilíada*, conhecido como Patrocleia, o poeta cria uma intensidade dramática que explora elementos centrais da narrativa, dando especial relevância ao episódio, que representa a principal reviravolta na trama da obra. Deste modo, a selvageria crescente neste canto traz à tona tanto a temática da irascibilidade diante de uma guerra longa e desgastante, que deu origem ao conflito entre Aquiles e Agamêmnon, quanto a perspectiva das mortes trágicas de Héctor e de Aquiles, centrais para a construção da trama. Em movimentos contínuos, a narrativa explora a dramaticidade da decisão de Aquiles em voltar ou não ao campo de batalha, dando a dimensão dos riscos que o mesmo precisa assumir em cada uma das possibilidades. Movidos pela paixão, Pátroclo e Aquiles discutem e deliberam uma solução parcial – o uso da armadura de Aquiles por Pátroclo – que poderia salvar os Aqueus sem descumprir a promessa de Aquiles de não intervir até que as naus fossem incendiadas. Os destinos trágicos de Aquiles e de Pátroclo se mostram, neste momento, irreversíveis: suas decisões são fruto da perspectiva limitada do próprio destino, característica essencial da condição humana, e os conduzem, junto às intervenções e desígnios divinos, às mortes gloriosas mas carregadas de sofrimento que lhes estavam reservadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homero. *Ilíada*. Patrocleia. narrativa.

## ABSTRACT

The article discusses how in the sixteenth book of the *Iliad* (known as Patrocleia) the poet creates dramatic intensity using key elements of the narrative, giving special relevance to the episode, which is the main changing point in the plot of the poem. The increasing savagery in this book brings up both the issue of irascibility in front of a long and exhausting war, that had led to the conflict between Achilles and Agamemnon, as the prospect of the tragic deaths of Hector and Achilles, central to the building of the plot. In a continuous growing, the narrative explores the drama of the Achilles' decision to return or not to the battlefield, giving the size of the risks it must take in each of the possibilities. Driven by passion, Patroclus and Achilles discuss and deliberate a partial solution – the use of armor for Achilles Patroclus – which could save the Achaeans without undoing the Achilles promise not to intervene until the ships were set on fire. The tragic fates of Achilles and Patroclus shows itself at this irreversible: their decisions are the result of the limited perspective of their own destiny, essential characteristic of the human condition, and lead them along with divine interventions and plans, to the glorious but suffering deaths that were reserved for them.

**KEYWORDS:** Homer. *Iliad*. Patrocleia. narrative.

---

1. Bacharel em Filosofia pela UFBA e Mestre em Estudos Literários pela UFMG. De 2012 e 2014 foi professor substituto de língua e literatura grega na UFBA. Tem como foco principal de pesquisa o estudo da poesia e da filosofia na Grécia arcaica e a relação entre poesia e filosofia.

## I. A Patrocleia no enredo da *Ilíada*

(...) Outrora  
 ouviste minha prece, e me honraste, afligindo  
 os Aqueus; uma vez mais atende o meu rogo:  
 no círculo das naus, eu permaneço e mando  
 à guerra –guia dos Mirmidões – meu companheiro.  
 Concede-lhe a vitória, Zeus Pai, altitroante.  
 (...)  
 Mas logo que repila dos navios a guerra  
 e os gritos, dá que volte para as naus, incólume (*Il.*, 16. 236 – 252)<sup>2</sup>.

Sendo um poema longo, cheio de reviravoltas, a *Ilíada* se divide naturalmente, segundo Richard Janko, em seis conjuntos de quatro cantos, que corresponderiam aos dias de declamação durante um festival de seis dias (JANKO, 1995, p. 39). Sendo ele mesmo um recorte na história da guerra de Tróia, o poema enfoca um período relativamente curto de tempo, da querela entre Aquiles e Agamêmnon à morte e o sepultamento de Héctor. Durante este intervalo, o poeta utiliza-se de movimentos de avanço e retardamento da trama, criando assim expectativa e infundindo magnitude aos eventos finais<sup>3</sup>. Neste contexto, o canto XVI, conhecido como *Patrocleia*, ocupa um lugar importante na criação de uma intensidade dramática na narrativa do poema.

Segundo Janko, tanto o conjunto de cantos 5-8 quanto os conjuntos 9-12 e 13-16 começam com um sucesso dos Aqueus em uma situação adversa, mas terminam com perdas talvez ainda piores (JANKO, 1995, p. 39). A intensidade dramática da trama, portanto, seguiria um ritmo mais ou menos constante durante o que seriam o segundo, terceiro e quarto dia de declamação: repetindo-se o movimento de atenuação e novamente retorno às ameaças aos Aqueus (de não apenas não conquistar Tróia, mas sequer poder retornar com vida), o poema obtém gradativamente uma grande tensão dramática, até a ruptura trágica do canto XVI.

Parcialmente subtraída durante parte da narrativa, a figura de Aquiles e o tema da sua ira funesta, apresentado na primeira linha do poema, volta com toda força. Centrado em Aquiles, como espécie de guerreiro exemplar, vemos o tema desenvolver-se no canto XVI ao aproximarem-se as “Moiras” de outros heróis. Sárpedon e Pátroclo morrem em cenas carregadas de tensão dramática ao mesmo tempo em que antecipam e preparam a morte de Héctor e a do próprio Aquiles. O tema da ira se relaciona à condição mortal destes heróis “semelhantes ao divino”, sobretudo, talvez, no sentido da precariedade humana em relação ao próprio destino.

Esta condição se apresenta também, neste contexto, pela presença marcante e efetiva dos deuses. Assim como no próêmio, Zeus e Apolo se destacam<sup>4</sup>. Por vezes, Zeus parece conduzir o destino dos heróis

2. A tradução é de Haroldo de Campos (2002), assim como todas as demais citações da *Ilíada* neste trabalho.

3. Cf. Janko, R. *The Iliad: a commentary. Volume IV*, p. 311: *The Poem's structure is based on advances and retardations: books 1, 9, 16, 22 and 24 are the main advances, but the rest slow down the action, giving it "magnitude", in Aristotle's term.*

4. Cf. LESKY, A. *Divine and Human Causation in Homeric Epic*, p.174, 175: *But does not a passage in the poem of the Iliad represent the outset everything that happens in this epic as the result as the result of the highest god's will? The words 'and Zeus plans was fulfilled', Διὸς δ' ἔτελείετο βουλή, have been much discussed over since Alexandrians. (...) The first word, Menin, 'wrath', is powerful announcement of the central theme that permits it to create a grandly articulated composition out of the confusion of battle. The wrath of Achilles is seen together with its fearful consequences, which are described as the working out of the god's plan.*

como peças em um tabuleiro: arrefece o ânimo de Héctor, inspira Pátroclo, envia Apolo para retirar furtivamente o cadáver de Sarpédon. Nestes momentos, o poeta muitas vezes exalta a inteligência de Zeus, capaz de fazer cumprir seus designios *facilmente*<sup>5</sup>. Assim, desde a oração de Aquiles (citada acima), em que uma relação direta entre sua ira e a situação crítica dos Aqueus é relembrada, a condução divina não apenas é descrita pelo narrador, como muitas vezes percebida e apontada pelas personagens. Por outro lado, diante da morte de Sarpédon, o poeta mostra que existem limites para a vontade do Pai dos deuses, tornando talvez ainda mais trágica a Moira destinada a cada herói:

Dói-me que o mais caro entre os humanos, Sarpédon,  
 A Moira-Morte o dome sob as mãos de Pátroclo.  
 Meu coração se agita entre dois pensamentos:  
 Se o retiro da lacrima luta com vida,  
 Ou se deixo que o braço do Menécio o dome.”  
 Então, olhos-de-toura, Hera Augusta, lhe torna:  
 “Que palavras são essas, ó terribilíssimo  
 Croníade? Um ser mortal, fado há muito traçado,  
 Tencionas seqüestrá-lo à morte dolorosa?  
 Que o faças! Mas irás de encontro aos deuses todos!  
 (...) dos que lutam em torno à cidade de Príamo,  
 Os filhos imortais são muitos; seus pais-numes  
 Hão de ficar furiosos. (...) (Il.,16. 436 – 449).

O fado de cada mortal seria determinado segundo a partilha dos lotes (*moirai*), da subdivisão de honras que se estende do divino ao humano (JANKO, 1995, p. 5). Diferentemente da inteligência divina, contudo, os mortais não são capazes de entender seus próprios destinos até que os mesmos se atualizem. Tanto Sarpédon e Pátroclo quanto Héctor e Aquiles são exemplos de heróis com destinos trágicos<sup>6</sup>. Tal como nas tragédias, os heróis cumprem um destino outorgado, mas nem por isso deixam de provocar sua concretização com suas próprias ações<sup>7</sup>. Esta “dupla motivação” humana e divina, apontada por importantes estudiosos, pode ser observada de modo peculiar na passagem em que Pátroclo dá início à perseguição dos Troianos, onde tanto sua responsabilidade quanto a de Zeus são ressaltadas:

Mas Pátroclo, aos corcéis e a Automedonte, o auriga,  
 insta, lançando o carro no encalço de Troicos  
 e Lícios. Louco! Foi erro grande. Se houvesse  
 escutado ao Peleide, à Quere má e à Morte  
 tenebrosa talvez fugisse. **Mas a Zeus,**  
**mente sobremortal, é fácil aterrar**

5. Cf. Infra nota 08.

6. Cf. Janko, R. *The Iliad: a commentary. Volume IV*, p. 4: *By leaving an undefined area between free will and super natural forces, Homer achieves two goals: his characters are seen to suffer for their own choices, which is clearly tragic, and yet the whole outcome seems beyond their individual control or even pre-ordained, which is tragic in another way. The same dualism which applies to the heroes also applies to the gods themselves, including Zeus, who performs several roles.*

7. Cf. LESKY, A. *Divine and Human Causation in Homeric Epic*, p.199: *Can one fail to recognize the line leading from here into later Greek thought? Oedipus too has acted aidreiesi vooio and yet is punished for his mega ergon with full severity. That he execute this punishment himself is indeed the difference that makes him great.*

**um valente e privá-lo da vitória, mesmo  
que à luta o haja instigado.** Zeus inflamou Pátroclo.

Quem mataste primeiro, quem por derradeiro,  
quando os deuses à morte chamavam-te, Pátroclo? (*Il.*, 16. 684-691)<sup>8</sup>.

Poderia o héroi sequer evitar a decisão de perseguir os Troianos, que talvez lhe permitisse escapar à morte, quando a mesma foi meditada por Zeus? Para Janko, toda uma cadeia de ações humanas e divinas se conecta no desenrolar desta história trágica: certamente Pátroclo, mas também Agamêmnon e, sobretudo, talvez, Aquiles, são responsáveis pelo desenrolar dos acontecimentos<sup>9</sup>.

Tal entrelaçamento entre a intensidade dramática e a costura narrativa do poeta dá ao canto XVI um ritmo forte, fornecendo densidade tanto aos diálogos quanto às batalhas. Durante o canto, o narrador por vezes se dirige a Pátroclo em segunda pessoa (como nos versos 693 e 694: “Ἐνθα τίνα πρῶτον τίνα δ’ ὕστατον ἐξενάριξας | Πατρόκλεις, ὅτε δὴ σε θεοὶ θάνατον δὲ κάλεσαν;”), ressaltando o tom dramático da Patrocleia, presente tanto em sua singularidade quanto por relação com o enredo da *Ilíada*. Alcança-se, assim, o peso dos anos de guerra que precedem os episódios narrados na *Ilíada*, o cansaço e o desgaste, a irascibilidade crescente.

Se no início do canto XVI a tensão dramática gira em torno do diálogo e da decisão de Aquiles, a partir do momento em que os Mirmidões entram na batalha, a ação guerreira passa a ocupar o primeiro plano, sustentando e ampliando a intensidade desta tensão, sempre relacionada à estrutura narrativa do poema<sup>10</sup>. O mesmo Pátroclo que chora e cobra sensibilidade de Aquiles, mais tarde (*Il.*, 16. 786-787), semelhante a um demônio (*δαίμονι ἴσος*), avançará irascível. Como aponta a tradutora Maria Grazia Ciani (HOMERO, 1989, p. 15), o canto XVI explora especialmente esta proximidade entre maravilhoso e terrível, luminoso e obscuro, presente no poema como um todo. Desde as primeiras cenas de combate do canto, o tema do cadáver ultrajado é explorado, assim como o pesar e a conseqüente selvageria pela perda de companheiros de armas valorosos.

A repetição dos temas, em movimentos de tensão crescente, cria um ritmo vertiginoso: muitos guerreiros dignos de menção são mortos e seus cadáveres são disputados como se a guerra dependesse disto. Talvez no auge da tensão, encontramos Héctor e Pátroclo segurando (respectivamente) a cabeça e as pernas de Sebríone (*Il.*, 16.760). Nos momentos que representam certo “arrefecimento” do ritmo, principalmente diálogos, a violência do combate é igualmente transposta como acusações, ofensas e provocações: desde o debate entre Pátroclo e Aquiles (v. abaixo), passando pela troca de ofensas entre Enéias e Mirmion, à acida comparação de Pátroclo entre Sebríone a um bailarino (16.745 a 750), à discussão final entre Héctor e Pátroclo (*Il.*, 16.844-854).

8. Grifo nosso. ἀλλ’ αἰεὶ τε Διὸς κρείσσων νόος ἡέ περ ἀνδρῶν | ὅς τε καὶ ἄλκιμον ἄνδρα φοβεῖ καὶ ἀφείλετο νίκην | ῥηϊδίως, ὅτε δ’ αὐτὸς ἐποτρύνῃσι μάχεσθαι. Tal expressão nos remete aos primeiros versos dos *Trabalhos e Dias*, de Hesíodo, em que Zeus é exaltado por sua inteligência e pelo poder que exerce facilmente sobre os homens: Μοῦσαι Πιερίθην ἀοιδῆσι κλείουσαι, δεῦτε Δί’ ἐννέπετε, σφέτερον πατέρ’ ὑμνείουσαι. | ὃν τε διὰ βροτοὶ ἄνδρες ὁμῶς ἄφατοί τε φατοί τε, | ῥητοὶ τ’ ἄρρητοὶ τε Διὸς μεγάλοιο ἔκρητι. | ῥέα μὲν γὰρ βριάει, ῥέα δὲ βριάοντα χαλέπτει, | ῥεῖα δ’ ἀρίζηλον μινύθει καὶ ἄδηλον ἀέξει, | ῥεῖα δέ τ’ ἰθύνει σκολιὸν καὶ ἀγήνορα κάρφει | Ζεὺς ὑψιβρεμέτης, ὃς ὑπέρτατα δώματα ναίει.

9. Cf. Janko, R. *The Iliad: a commentary. Volume IV*, p. 310: *Patroklos’ responsibility for the idea is lessened by the fact that Nestor first propose it, and that both act for the best possible motive. Patroklos was perhaps stirred by Nestor’s tale of his own exploits, but his real wish is to rouse Akhilleus, as he told Eurypulos (15.402ff.) The plan misfires badly; all the protagonists are somehow to blame – Akhilleus, Agamemnon, Nestor, Patroklos and even Odysseus (...).*

10. Cf. Janko, R. *The Iliad: a commentary. Volume IV*, p. 310: *By having accepted his compromise, Homer forges the vital link between Akhilleus’ wrath and Hektor’s death: his wrath causes Patroklos’ death, which he must then avange. Without this link we would have first, a tale of angry withdrawal and restitution, a traditional pattern (cf 13.459-61n.); and second, a tale of revenge.*

## II. Decisão de Aquiles

No começo do canto, são as palavras que decidem o rumo dos acontecimentos. Em um diálogo emotivo, Pátroclo e Aquiles retomam o tema central da ira e, por fim, cabe à decisão do Peleide oferecer uma solução ao impasse. Trata-se de um momento crítico, em que abster-se não se apresenta como opção. Com a ameaça já quase concretizada de as naus serem incendiadas, a recusa de lutar por parte do melhor guerreiro Aqueu, observa Pátroclo, corre o risco de perder todo sentido, ao mesmo tempo em que alcança também o ápice de seu significado. Se os Aqueus forem derrotados, não haverá nem glória nem o reconhecimento pretendido por Aquiles, enquanto, por outro lado, somente a ameaça a tal ponto grave parece ser capaz, na visão do herói, de dar aos demais a dimensão da ofensa que lhe foi cometida (diretamente proporcional à sua excelência guerreira e, portanto, às consequências trágicas que a falta desta representa).

Embora ceda por fim às palavras de Pátroclo, Aquiles parece demonstrar a princípio uma atitude de recusa, marcada pelo tom irônico com que o aborda:

Por que as lágrimas, Pátroclo? Que nem menina  
que corre atrás da mãe, querendo colo, e às roupas  
dela se apegue, e impede que caminhe, enquanto  
ergue os olhos, chorosa, a pedir que a carregue;  
choras que nem menina, meu Pátroclo (*Il.*, 16. 7-11).

Embora cogite outras possíveis causas para o estado do amigo, o próprio Aquiles confirma, em seguida, sua desconfiança de que (sendo as outras causas improváveis) tal comoção deve-se à compaixão aos Dânaos. Esta percepção de Aquiles, associada às dificuldades que permeiam a sua decisão, justificam o tom cômico usado como uma resistência prévia à própria necessidade de uma escolha entre opções quem implicam riscos ou perdas<sup>11</sup>. Pátroclo, contudo, (ainda que o peça para não irritar-se) irá confrontar Aquiles abertamente:

(...) Tu, Aquiles, segues  
indobrável. Que essa Ira que entesouras nunca  
de mim se aposse, triste herói! Que legarás  
aos pósteros, senão livrares os Aqueus  
da ruína, da desgraça? Desumano! Não,  
não foi teu pai Peleu, cavaleiro, nem Tétis,  
tua mãe. O Glauco mar talássio te gerou  
E a escarpa, coração pedregoso. Se temes  
um presságio divino, que tua deusa mãe,  
augusta, por aviso de Zeus te soprou,  
pelo menos permite-me que eu vá e que sigam  
comigo os Mirmidões, levando luz aos Dânaos (*Il.*, 16.29-39).

11. Cf. LESKY, A. Divine and Human Causation in Homeric Epic, p.173: *A the beginning and the end of the course of events surrounding Achilles there is divine intervention in plenty; but at the point where He must decide Patroclus' fate and with it his own, he stands alone. In the grand structure of our Iliad (however it may have come into being), it's the Embassy to Achilles that determines the main characters' destiny.*

Diante de tais duras palavras, o divino Aquiles, “muito perturbado”<sup>12</sup>, se jufifica:

(...) “Que me dizes, progênie de Zeus,  
Pátroclo? Não me atenho a presságios. Não sei  
disso. Minha divina mãe nenhum aviso  
De Zeus soprou-me. Dói meu coração, o brío,  
que um prepotente queria despojar-me, a mim,  
seu par, do prêmio que me coube em recompensa;  
é uma dor angustiosa, amarga o coração.  
A moça que os Aqueus concederam-me em prêmio,  
que à lança conquistei, vencendo uma cidade  
bem murada, Agamêmnon, poderoso Atreide,  
Arrancou-a de mim, como se eu fosse um nada,  
Um sem-pátria. Mas fique de lado o que foi.  
Não se pode manter um coração colérico  
perpetuamente. Eu mesmo fiz uma promessa:  
Não esquecer-me da ira, até que a guerra, os gritos  
me alcançassem as naus. Minhas armas soberbas  
põe nos ombros; conduz os Mirmidões, afins  
à guerra, ao combate. (...) (Il., 16.49-65).

Além da força emotiva, o apelo de Pátroclo também se articula por uma retórica pragmática. O argumento se baseia em dois pontos aparentemente paralelos: a) se os Dânaos forem derrotados, não haverá reconhecimento da glória de Aquiles e b) se a questão é o temor de um presságio funesto, é possível arrefecer a ameaça apenas com a visão de Aquiles no campo de batalha.

Embora perturbado pela provocação de Pátroclo, contudo, como defende Janko (1995), Aquiles parece bastante consciente das possíveis implicações de sua decisão. Após negar temer qualquer presságio (!) e ressaltar novamente a gravidade da ofensa sofrida, justificando-se, o herói sem grandes explicações além de que “não se pode manter um coração colérico eternamente”, anuncia uma mudança sutil de posicionamento. Se esperasse realmente que o combate alcançasse suas próprias naus, Aquiles não receberia qualquer reconhecimento, contudo, se saísse em socorro aos Dânaos, sobretudo sem uma desculpa pessoal de Agamêmnon, estaria publicamente dobrando o próprio orgulho. Enviando Pátroclo, é possível manter a palavra e quiçá abrir caminho para uma nova embaixada, mas também existem riscos envolvidos nesta escolha<sup>13</sup>, dos quais Aquiles demonstra estar ciente tanto ao aconselhar Pátroclo quanto em sua oração a Zeus.

Quando, à beira da morte, reconhece a ação de Apolo, o herói talvez se recorde das instruções de Aquiles, mas, de qualquer modo, a ação do deus parece ser percebida por sua própria efetividade indisfarçada. Até o último suspiro, a Patrocleia mantém sua intensidade. Assim como no início, é um confron-

12. Il., 16.48: μέγ' ὀχθήσας. Segundo Kirk (*Apud* Janko, 1995, p. 321): *The frequency of periodic and integral enjambment reflects Akhileus' passion.*

13. Cf. Janko, R. *The Iliad: a commentary. Volume IV*, 1995, p. 309, 310: *His acceptance of this half measure is logical enough, but fraught, as he senses, with a double risk: should Patroklos do too well, Akhileus would lose the glory he might have won himself; should things go awry, he could lose his friend.*

to de palavras que encerra o canto. Pátroclo parece representar ao mesmo tempo a impetuosidade e a ingenuidade de um guerreiro mais jovem, sem demonstrar arrependimento ou sentimento semelhante. Orgulhoso da sua atuação no campo de batalha, diminui o papel de Héctor em sua morte, mas ainda assim vaticina o “óbvio”: a vingança de Aquiles não tardará, e será voltada sobretudo a ele (*Il.*, 16.844-854). Nesse ponto, os destinos destes três heróis se mostram interligados de maneira definitiva: todos morrerão em meio à brutalidade de uma guerra longa e deixando-se insuflar por ela, ao mesmo tempo semelhantes ao divino e monstruosos, mas nem por isso deixam de se mostrar (segundo o que parece ser o ponto de vista do poema) plenamente humanos.

## REFERÊNCIAS

HOMERO. *Il Canto di Patroclo (Iliade XVI)*. 1 ed. Trad. di Maria Grazia Ciani, com. di Elisa Avezzù. Veneza: Marsilio Editori, 1989.

HOMERO. *Iliada*. Trad. por H. de Campos. São Paulo: Arx, 2002, 2 vol.

JANKO, R. *The Iliad: a commentary. Volume IV: books 13-16* (editor geral G. S. KIRK). Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

LESKY, A. Divine and Human Causation in Homeric Epic *In: Cairns, D. (Ed.), Oxford Readings in Homer's Iliad*. New York: Oxford University Press, 2001.

VERNANT, Jean-Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. Trad. Elisa. A. Kossovitch e João. A. Hansen. *Discurso*, São Paulo, Editora Ciências Humanas, n. 9, 1978, p. 31-62.

*Recebido em 12 de outubro de 2015.  
Aprovado em 22 de novembro de 2015.*